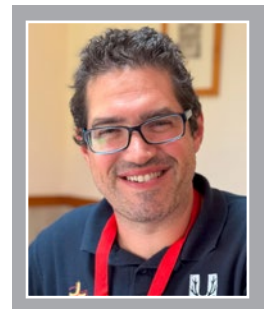

Liderança profética e servidora em situações especiais

“No dia a dia, tendemos a agir integrando diferentes perspectivas com maior ênfase em alguma delas. Dilemas sempre nos levarão a ter que priorizar entre possíveis soluções criativas. Trata-se de escolher bem, unindo inteligência moral com a necessária perspicácia.”

(Vozes Maristas, cap.20 - Ir. Luis Carlos Gutiérrez)

Diogo Luiz Santana Galline

Coordenador da Equipe Provincial de Animação Vocacional
Provincia do Brasil Centro-Sul



Nasci em 1984 e, desde 1991, posso me considerar um Marista de Champagnat. Nesse ano, iniciei meus estudos no Colégio Marista de Maringá, cidade do estado do Paraná. Na época de aluno, participava ativamente da pastoral juvenil. Quando segui para a universidade, tempos depois, continuei atuando de maneira voluntária nos grupos de jovens. Tamanha foi a dedicação que, em 2006, pude ingressar como colaborador marista na área de Pastoral, na mesma escola em que tive a alegria de estudar.

Dezoito anos depois, sigo trabalhando no Marista. Entretanto, a vida foi-me conduzindo por outras veredas e, neste momento, faço parte da área de Identidade, Missão e Vocação. Pouco antes, porém, participei de uma experiência muito significativa: o voluntariado internacional Marista, por meio do Projeto La Valla 200>. Por dois anos (2019-2020), minha esposa, que também é colaboradora Marista, e eu fizemos parte de uma comunidade mista, atuando na township de Atlantis, África do Sul.

Compartilhamos vida e missão com três Irmãos e uma voluntária Marista. Éramos de cinco países, pertencentes a quatro continentes, tão diferentes em suas culturas, mas todos unidos por um mesmo sentimento: ser presença Marista junto às pessoas que sofrem em uma área de vulnerabilidade social. E quanta vulnerabilidade! Embora tenha sido oficialmente encerrado no início da década de 90, as consequências do sistema político do Apartheid ainda se mostravam presentes na realidade sul-africana mais de trinta anos depois. Nosso apostolado deu-se com crianças e jovens nos períodos de contraturno escolar de diferentes colégios, com mulheres em situação de risco, e com a paróquia local em suas diversas iniciativas.

O desafio era grande. Sentíamos como uma pequena gota num vasto oceano, conforme pensamento de Madre Teresa de Calcutá. Contudo, não nos faltavam exemplos de lideranças proféticas e servidoras para nos inspirar a querer seguir adiante. Aliás, esses dois adjetivos, profético e servidor, são totalmente condizentes com o território local. Não à toa a África do Sul conta com quatro ganhadores de Prêmio Nobel da Paz. Faço questão de destacar um deles: Nelson Mandela. Uma de suas mais famosas frases poderia ser fixada no peito de todo Marista como força motriz. Diz ele que “a coragem não é a ausência do medo, mas o triunfo sobre ele. A pessoa corajosa não é aquela que não sente medo, mas aquela que conquista esse medo”.

Na recente publicação *Vozes Maristas*, no capítulo 20, o Irmão Luis Carlos Gutiérrez brilhantemente apresenta algumas características de um autêntico líder Marista: sabedoria ética e espiritual, grandeza de mente, sentimentos nobres, coração sensível, sentido de equipe, senso prático e crítico, entre outras. Para ilustrar, apresenta como um dos exemplos a serem seguidos o próprio Nelson Mandela. É bastante emocionante o relato que transcreve a partir de entrevista com o Irmão Joe Walton (*Vozes Maristas*, p. 381) sobre a postura humana de Mandela. A saber, também tive contato com essa mesma versão quando estávamos – minha esposa e eu – conhecendo o Sacred Heart College, em Johannesburgo. Escutamos, à época do Irmão Mario Colucci (in memoriam), sobre esse grande líder e sua presença simples e fraterna em meio às pessoas.

Antes de destacar algumas das virtudes de Mandela que se conectam com um estilo profético e servidor, recorro a um termo da físico-química para facilitar o entendimento. Em meus tempos idos de estudante universitário de farmácia, era comum realizarmos cálculos científicos sob a premissa de ‘Condições Normais de Temperatura e Pressão’ (CNTP). Por ela, sabíamos que as variáveis térmica (0°C) e bária (1 atm) eram estáveis a tal ponto de as reações químicas não sofrerem qualquer tipo de interferência externa. Em uma rápida transposição: as condições são tão controladas que, aquilo que se calcula na teoria, acontece 100% na prática.

Acontece que a vida é dinâmica, instável, fluida. Ousando alterar a famosa expressão de Zygmunt Bauman, pode-se dizer que a modernidade já deixou de ser líquida para se tornar gasosa, tamanhas são as constantes novidades. Isso significa que estamos bem distantes de variáveis con-





troladas, ou seja, de encontrarmos-nos em condições normais de temperatura e pressão. Foi em um cenário desafiador e adverso que a liderança de Nelson Mandela se fez. Ele não esperou uma suposta estabilidade para colocar seu aprendizado em prática, senão assumiu a necessária liderança em meio ao caos e com muito por fazer. Houve, aqui, a coragem de liderar. Diante de inúmeras imprevisibilidades, realizou o audaz movimento de ir ao encontro do outro, ser-com-o-outro, um ato exigente de diálogo e colaboração. Como consequência, a mobilização das pessoas em prol do enfrentamento e superação do status quo de injustiça e desigualdade social imperante da época.

A maneira como conduziu o país à paz, após – e apesar – de ter passado quase 30 anos na prisão, é exemplo de grandeza para todas as gerações, ação que o tempo jamais será capaz de apagar. Mandela percebeu que o maior serviço que poderia oferecer a sua nação passava pela reconciliação, pela cura de uma nação dividida. Quando seus companheiros e companheiras poderiam – consciente ou inconsciente – esperar por vingança, soube oferecer a outra face. Sua arma foi o diálogo. Conseguiu surpreender e usar sua sagacidade para diminuir barreiras e aproximar pessoas. Até mesmo o Rugby, esporte tradicionalmente das elites, tornou-se oportunidade de integração (e que levou, diga-se de passagem, ao primeiro título mundial dos Springboks). Ao invés de o oprimido tornar-se opressor, Mandela optou por conduzir a unificação do país por meio da paz e da reconciliação. Faleceu em 2013, mas os frutos de seu legado são experienciados até hoje. E nos servem como inspiração para a liderança Marista.

Avalio que o serviço e o profetismo de uma liderança Marista nasçam e se desenvolvam com atitudes corajosas em meio a um mundo turbulento, conforme um dos apelos do XXII Capítulo Geral. Na teoria, parece-me que já sabemos o que precisa ser feito. Temos ótimos documentos, todos com excelentes ideias que abordam o jeito Marista de ser e atuar. Contudo, o dinamismo da vida põe constantemente à prova nossos conceitos. Sabemos que a correria do dia a dia nem sempre é favorável para a ação profética ou o serviço em prol do coletivo. Os tempos de qualidade são escassos, tudo é urgente, há muitas pressões externas, inúmeras podem ser as justificativas para deixar de lado a coragem de agir com profetismo e a favor do bem comum. Sob essas condições, completamente desfavoráveis e distantes de qualquer possibilidade de CNTP, frutifica uma liderança verdadeiramente profética e servidora.

Fazendo um rápido retorno a alguns anos atrás, atravessamos um período turbulento e desafiador: a pandemia do coronavírus. Foram tempos que provocaram no Instituto o surgimento de líderes em meio às adversidades. Lembro-me de duas situações em que o jeito de liderar marista foi posto à prova. Ambas em uma mesma realidade. Em uma área, a liderança de referência fez a escolha de manter todo seu quadro laboral, mesmo que a conjuntura pandêmica exigisse cortes bruscos orçamentários. Optou-se por diminuir temporariamente o salário das altas chefias, ao invés de dispensar parte do time. Foi um ato de coragem, tendo em vista a pressão econômica (e canônica) que a liderança estava sofrendo. Por outro lado, em outra área, uma liderança se aproveitou do momento mundial de crise para levar adiante medidas impopulares – que provavelmente já estavam em seu coração desde antes – de redução pessoal e mudança estrutural. Em uma analogia à parábola do semeador, talvez Jesus perguntasse: “Qual destes agiu como líder profético e servidor com seu próximo?”.



O próprio Instituto Marista, durante o período do Apartheid, teve sua postura profética e servidora ao decidir enfrentar o sistema e aceitar a todos, sem exceção, em suas obras educativas (Vozes Maristas, p. 381-382). Aqui torna-se impossível não retornar outra vez para Nelson Mandela, com um de seus poemas favoritos intitulado “Invictus” (homônimo do excelente filme – recomendo!), escrito por William Ernest Henley e fundamental para que suportasse os longos anos em que permaneceu encarcerado: “Não importa quão estreito seja o portão, quão cheio de punições o pergaminho, eu sou o mestre do meu destino, eu sou o capitão de minha alma”.

Champagnat anteontem. Nelson Mandela ontem. E tantos Maristas de Champagnat hoje. Em comum: líderes proféticos e servidores em condições não-normais de temperatura e pressão. Que continuam a inspirar tantas pessoas. Que sejamos impactados por esses exemplos de vida em missão!



As opiniões expressas neste documento são da responsabilidade do autor e não refletem necessariamente os pontos de vista do Instituto Marista.

Se quiser partilhar com a Comissão as suas ideias, reflexões ou experiências sobre a liderança servidora e profética, como resultado destas reflexões, escreva para fms.cimm@fms.it